



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

FRANCISCA DIAS DA SILVA

**DESAFIOS DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA
JAIME MEIRA FONTES**

CAJAZEIRAS - PB

2008

FRANCISCA DIAS DA SILVA

**DESAFIOS DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA**

JAIME MEIRA FONTES

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadoras Professora Ma. Maria de Lourdes Campos.

CAJAZEIRAS - PB

2008



S586d Silva, Francisca Dias da.
Desafios da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental da escola Jaime Meira Fontes / Francisca Dias da Silva. - Cajazeiras, 2008.
36f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Hábito de leitura. 2. Leitura- séries iniciais. 3. Prática da leitura. 4. Prática de ensino- leitura. I. Campos, Maria de Lourdes. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028.5

DEDICATÓRIA

Primeiramente a Deus, fonte de todo bem que derramou sobre mim, força e coragem para enfrentar esse desafio que no início parecia ser impossível concretizá-lo; A meus pais que, mais do que ninguém, desejaram que eu chegasse até aqui; Aos amigos pelo apoio nas horas difíceis e as palavras de firmeza necessárias e encorajadoras.

AGRADECIMENTOS

A todos os colegas de turma, pelas grandes conquistas e companheirismo, onde encontramos em cada um, grandes valores humanos, transmitidos através da troca de experiências e aprendizagem.

Ao esposo, José, meus filhos, que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis desta caminhada e quando os obstáculos advindos pareciam intransponíveis, o meu muito obrigada.

Aos professores da E. M. Jaime Meira, que me recepcionou muito bem e que com boa vontade realizaram as atividades propostas e participaram das reflexões, pois sem a ajuda dos mesmos não teria sido possível realizar este trabalho.

Agradeço também a orientadora Lourdes Campos que me ajudou no esclarecimento das idéias e etapas finais deste meu estudo com bastante atenção e compreensão.

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO.....06

2. A LEITURA COMO UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL E
EDUCATIVA:

CAPÍTULO I

2.1 A importância da leitura.....10

2.2 Concepções de leitura.....12

2.3 Níveis de leitura16

2.4 A importância da motivação do educador17

2.5 Desenvolvendo o hábito de leitura na escola21

CAPÍTULO II

3. Estágio e formação

3.1 Procedimentos Metodológicos.....25

3.2 Caracterização da escola do estágio.....27

3.3 Análise dos Dados.....28

3.4 Vivências e práticas de estágio.....32

CAPÍTULO IV

4. CONCLUSÕES

REFERÊNCIAS

RESUMO

A intenção deste trabalho é destacar a necessidade de se inovar a prática de leitura em sala de aula. Defendemos sobretudo a motivação pedagógica para o hábito de ler através da articulação de várias atividades de ação educativa que se pretende trabalhar nas séries iniciais, para tanto, destacamos que o educador deve se conscientizar da necessidade de se aprofundarem em estudos relativos á leitura. Desta forma, ressaltamos a importância de se investir na prática do ensino da leitura em sala de aula. Através das teorias estudadas, podemos compreender qual o papel da escola frente a grande necessidade de formação de alunos leitores, que se voltem com prazer para o “mundo” da leitura, já que entendemos que ler se aprende lendo e sendo motivado a gostar da leitura. O professor é também responsável pelos hábitos de leitura na escola, desta forma, ele deve direcionar a leitura em sala de aula, explorando elementos necessários ao desenvolvimento do aluno enquanto leitor, que precisa saber ler, não apenas tecnicamente falando, mas, saber entender o que foi lido, só assim, pode-se pensar na possibilidade da formação do leitor crítico e autônomo diante da leitura realizada. De acordo com a realidade da Escola Municipal Jaime Meira em Sousa – PB, foi possível perceber que, na concepção dos professores, existem inúmeras dificuldades de aprendizagem referente a leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental, mas que a cada dia buscam melhorias, que seriam práticas renovadoras para o melhor andamento do processo ensino-aprendizagem referente à leitura. As atividades do estágio que tinha como objetivo principal compreender a visão dos educadores a respeito do tema trabalhado, bem como refletir em conjunto sobre os projetos e propostas que poderia beneficiar estas práticas em sala de aula. Os temas discutidos voltavam-se para o processo de ensino da leitura, as concepções teóricas acerca do tema e podemos dizer que foram bastante proveitosas estas reflexões feitas durante cada encontro realizado na referida escola. Portanto, percebemos o quanto a leitura é importante na vida do ser humano, isto nos fez entender a necessidade de se trabalhar melhor esta questão, já que faz parte da vida em sociedade. No contexto escolar, a leitura gera a atividade coletiva e cooperativa, permitindo a criança vivenciar múltiplas relações com as outras, planejando suas ações, assumindo responsabilidades, sendo agente de seus aprendizados e produzindo algo com sentido.

Palavras-Chave: Leitura; Ensino-aprendizagem; Estágio

INTRODUÇÃO

Sabemos da importância da leitura na vida das pessoas, neste sentido, é necessário que os segmentos educacionais, principalmente os alfabetizadores, analisem as dificuldades de leitura nas séries iniciais do ensino fundamental. Vale ressaltar a importância de uma reorganização na metodologia de ensino no sentido de favorecer o desenvolvimento de habilidades de leitura, não apenas de uma forma mecanizada, mas sobretudo no sentido do prazer, despertar o prazer pela leitura tem sido um grande desafio para os educadores dos tempos atuais.

Acreditamos que o processo de leitura na escola, deve ser melhor trabalhado, levando-se em conta as particularidades de cada processo, mas sem esquecer suas inter-relações. Temos por certo de que, na maioria das vezes, o educando só é estimulado a participar de uma atividade de leitura de forma mecânica, não sendo estimulado a praticar a habilidade de leitura e escrita espontânea e prazerosa.

Diante das dificuldades encontradas pelos professores da Escola Jaime Meira Fontes na cidade de Sousa – PB, em relação ao processo de construção da leitura nas séries iniciais do ensino fundamental, é de grande relevância e importância o estudo desta temática, por acreditar que um trabalho desta natureza poderá contribuir no sentido de amenizar as dificuldades de leituras. Portanto, é necessário investigar sobre os fatores que dificultam o processo de leitura nas séries iniciais..

Como afirma Fouconbert, “Ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não fazer aversão oral de um escritos”. logo, ler não é um ato mecânico e sim social, que precisa ser, desde cedo incentivados pelos pais e professores, pois só se entende realmente o que é leitura, a partir da própria prática, uma vez que o processo de leitura em sala de aula, tem se apresentado distante de uma prática que promova a formação de leitores críticos e participativos. Na verdade, a deficiência na leitura, tem contribuído para um grande número de repetência. Muitos alunos apenas decodificam letras e apresentam dificuldades de fazer interpretação críticas sobre algum texto.

Na maioria das vezes, os conteúdos utilizados através do currículo oficial da escola, não ajudam no processo de aquisição destas habilidades, isto porque abordam questões bastante contraditórias com as necessidades de aprendizagem dos alunos e suas realidades de vida.

Falando em leitura nas séries iniciais, faz-se necessário compreender que os alunos neste nível de ensino, para adquirir as habilidades da leitura e da escrita, precisa vivenciar uma etapa preparatória em um processo lento, tendo em vista que esta etapa certamente faz parte do desenvolvimento das áreas: física-motora, mental, afetiva e social.

Lamentavelmente, na prática não é assim que ocorre na maioria das salas de primeira série, por exemplo. O universo escolar, que se apresenta para os professores é diversificado. Há alunos que nunca freqüentaram a escola, alunos que já iniciaram o processo de alfabetização, mas não sabem ler nem escrever, alunos que dominam os mecanismos iniciais da leitura. Um dos desafios impostos da pela Nova Lei de Diretrizes e Bases da educação, é exatamente administrar estas diferenças.

A criança constrói o seu conhecimento independente da camada social a que pertença, devendo ser aproveitada toda rica bagagem que ela já tenha adquirido anteriormente na experiências e vivências do seu cotidiano.

Quando a escola esquece que o aluno já tem o domínio da complexidade da fala e do pensamento para sua comunicação cotidiana, esquece também que aprender uma língua é entender, interpretar e representar os significados das palavras de acordo com o meio sócio-cultural, portanto deve promover experiências significativas de aprendizagem da língua e ampliar as capacidades de comunicação e expressão associada às quatro competências lingüísticas básicas: escutar, falar, ler e escrever. Para FERREIRO (1991, p. 52), “ aprender a ler e a escrever é preciso apropriar-se desses conhecimentos, através da construção de modo como é produzido, isso é, preciso reinventar a escrita”

Para aprendizagem da leitura e escrita a criança precisa compreender não só a forma como ela é representada graficamente, as o que ela representa linguisticamente . isto significa dizer que a alfabetização não é desenvolvimento de capacidade relacionada à percepção, à memorização, ao trino de um conjunto de habilidades sócio-motoras.

O papel do professor é fundamental no processo de leitura, reconhecer e valorizar a leitura do aluno, encorajando cada um em suas descobertas, fazendo-se necessário desenvolver todo um processo educacional desde o concreto, valorizando o vínculo fundamental entre a realidade dos alunos, sua linguagem e seu pensamento.

Os estudos de Piaget, por sua vez, baseiam-se no princípio de que o indivíduo não adquire conhecimento e sim constrói. O processo de construção do conhecimento é feito pelos indivíduos em interação com o meio e durante toda sua vida. Desta forma, é de fundamental importância que o professor procure identificar que conhecimentos os

alunos trazem sobre a escrita para, a partir daí, dar continuidade ao processo de aprendizagem da leitura.

É preciso se planejar situações em que os alunos sejam convidados a escrever coisas , cuja forma escrita não sabem de memória, pois é isto que permite ao professor conhecer suas hipóteses, descobrir que idéias orientam as “estranhas” escritas que produzem e oferecem boas situações de ensino-aprendizagem, como diz Lerner (2002, p. 61), Aprende-se a ler lendo e aprende-se a escrever escrevendo, são lemas educativos que expressam o propósito de instalar as práticas de leitura como objeto de ensino.

Aprender a ler e a escrever é um processo cognitivo que exige não somente a motivação e mobilização do alfabetizando como também sua participação ativa. Esse processo tem um sentido por vezes inesperado. Sabemos que as crianças possuem ritmos distintos , entretanto, independente disto, é fundamental encarmos que todas elas merecem ser observadas sob uma nova ótica em relação ao processo de alfabetização.

Portanto, além de ajustar o ensino aos ritmos individuais é preciso levar o aluno a perceber que ele participa das trajetória de mudanças que a sociedade apresenta. É importante que o professor saiba que não é suficiente apenas que se proporcione a criança o contato com os diversos suportes e gêneros de textos usados no cotidiano, mas que esses contatos sejam orientados por atividades com objetivos definidos, como por exemplo: identificar as formas de organização dos textos, as suas situações de uso (quem escreve, sobre o quê escreve, para quem escreve, com que objetivo escreve).

Se toda expressão oral do aluno , toda unidade e enunciação for considerada texto em sentido amplo (falado ou escrito e não apenas textos escritos), no nosso caso da língua portuguesa aprendem originalmente a falar textos. Isso decorre de que não são frases soltas, desconectadas umas das outras que as crianças ouvem dos adultos e de outras crianças, ma sim, textos das mais variadas dimensões.

Esses textos refletem o ambiente social, o meio em que essas crianças vivem, como elas pensam, como elas expressam seus pensamentos, como a vida é representada por elas. Desta forma, a linguagem deixa de ser vista apenas como um meio de comunicação entre os falantes de uma língua e como suporte para a representação abstrata da realidade.

Para que essa concepção de linguagem seja absorvida e trabalhada pelos professores e para que a maioria das dificuldades relativa a este processo sejam vencidas , torna-se necessário entender o sentido e organização dessa linguagem, a partir do momento em

que ocorre e do local onde se realiza, onde as crianças vivem, realidade que se reflete na comunicação, dando-lhe sentido ou significação real.

O nosso trabalho apresenta os seguintes capítulos: o primeiro aborda a leitura no processo de construção social e educativa, enfatizando a importância da leitura enquanto necessidade básica e um direito do ser humano; as concepções de leitura; os níveis de leitura; a motivação do educador para a formação de alunos.

No segundo capítulo falamos o Estágio e formação dos professores, os procedimentos metodológicos que foram usados ao longo das nossas investigações, a caracterização do campo de estudo que foi a Escola Jaime Meira Fontes em Sousa PB, as análises dos dados e as vivências e práticas do estágio. Por fim, nossas conclusões acerca do trabalho realizado na escola e as contribuições deste trabalho para nossa carreira profissional.

2. A LEITURA COMO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO SOCIAL E EDUCATIVA

2.1 . A importância da leitura

Numa sociedade letrada como a nossa, ler é uma necessidade básica e um direito do ser humano. Para compreender e participar do mundo é preciso ler, a leitura diverte e informa, alimenta a fantasia e estimula a imaginação, possibilita ainda a reflexão e conseqüentemente uma renovação do saber, favorecendo a construção das relações sociais. O desafio da sociedade é encontrar novos rumos para a educação, novas metodologias que privilegiem a descoberta e a criatividade.

Na concepção de Bajard (1994), “O domínio da leitura não só abre os caminhos para o sucesso escolar, mas sobretudo, acrescenta o desenvolvimento intelectual e afetivo da personalidade e possibilita os objetivos dos direitos dos cidadãos”. É lendo que o aluno se instrui e se torna independente e continua crescendo, mesmo quando deixa a escola. No entanto, poucas crianças tem o hábito de ler em nosso país. Segundo pesquisas, a média de leitura é de um livro para cada criança anualmente. A maioria não tem acesso ao livro, o seu primeiro contato se dá na escola, e o que é pior, quase sempre de maneira errada, porque os professores, na maioria das vezes acabam valorizando apenas o aspecto mecânico da leitura, ou seja, a criança é motivada a aprender unicamente a decifrar códigos sem a devida interpretação, a questão crítica do leitor é deixada de lado.

Muitos dos nossos professores também não possuem o hábito de ler e impõem a leitura como uma obrigação. Nos dias de hoje, percebemos que as crianças começam a formar sua leitura de mundo e despertar para rabisco, traços e desenhos desde cedo, conforme as oportunidades que lhe são oferecidas. Cabe então, enfatizar que se faz necessário colocá-las em contato com a leitura e a escrita de maneira prazerosa. Salientar-se à seu caminho histórico através dos tempos, de maneira a ser compreendido como a leitura passou da forma de aprendizagem à forma de fruição. Evidencia-se que sua prática desperta o interesse e a atenção das crianças, desenvolvendo nelas, dentre outras coisas, a imaginação, a criatividade, a expressão das idéias e o prazer pelo ato de ler e escrever. Cabe ressaltar também que a leitura e a escrita deve oportunizar

situações, nas quais as crianças possam interagir em seu processo de construção do conhecimento, possibilitando assim, o seu desenvolvimento e aprendizagem.

A leitura é um processo onde o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a leitura trás muitos benefícios, oferece subsídios consideráveis referente ao esclarecimento de dúvidas, evidencia aspectos antes despercebidos ou subestimados, apura a consciência crítica acerca do texto e propicia novos elementos da comparação.

Saber ler é saber interpretar e entender a mensagem, sabendo que o que se ensina na escola está diretamente ligado a leitura e depende dela para se manter e se desenvolver. O meio social econômico é fator importante no que diz respeito ao ato de ler. A criança no meio social e econômico melhor favorecido tem mais acesso a leitura.

Uma das práticas de leitura mais estudadas é a leitura compartilhada, que proporciona um bom contexto para aprender a linguagem e o desenvolvimento de habilidades lingüísticas e cognitivas.

Na visão de Teberosky (1998, p. 34)

A sala de aula é um lugar onde a leitura é considerada um espaço essencial para o desenvolvimento dos alunos sendo que ela não favoreça as crianças dentro da escola, como também fora dela. Como nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade nos distintos momentos de sua história.

Neste sentido, percebe-se que a escola é um local apropriado para o desenvolvimento dos alunos enquanto serem críticos, concedendo-lhes a capacidade de, dentro ou fora da escola, desempenharem um importante papel de leitores ativos e criativos, atendendo assim, as demandas sociais existentes.

De acordo com Freire (1991, p. 11), “A leitura da linguagem escrita contextualiza preliminarmente com uma leitura de mundo, sendo este um processo imprescindível para todos nos leitores”. O indivíduo mesmo antes de ir à escola ele já tem experiência de vida. Neste sentido, o autor enfatiza que a percepção da leitura de mundo é a primeira leitura que o indivíduo tem como “texto” no seu processo de codificação, de interpretação da mensagem e do conhecimento na compreensão de atividades diárias que nos rodeiam. Assimilamos a significação das palavras através do senso comum o conhecimento de mundo. Esse mundo se vincula e se contextualiza com o mundo existencial do indivíduo, que assim é assimilado por

1.1 Concepções de leitura

Há inúmeras concepções sobre o ato de ler. Ler implica não só aprender o significado, mas também trazer para o texto lido a experiência e a visão de mundo do leitor. Existe, portanto, uma interação dinâmica entre leitor e textos, surgindo da leitura um novo texto.

Lajolo e Zilbermann (2001) ressaltam que a leitura, é considerada como o resultado de um período determinado de escolarização. Para eles, ler não é inato ao ser humano, e essa circunstancia há de consistir em habilidade adquirida, denuncia de imediato a natureza social daquela atividade. Percebe-se a dimensão social de modo mais evidente, quando lembramos que o exercício da leitura depende do funcionamento e integração de alguns fatores: Um sistema (o da escrita); um processo (o da alfabetização); um conjunto de valores (o que postula da pessoa dominar o código escrito distinguindo os que fazem dos que ainda não foram capacitados para tanto.

A leitura é um dos mais importantes meios de comunicação, pois é através dela que somos solicitados a ler intensamente no dia a dia (letreiros, anúncios, informações e etc). Isto porque, todos compreendem que aprender a ler é construir conhecimentos para desenvolver a capacidade de associar idéias, planos, sínteses dos assuntos, tornando os alunos mais críticos e renovando suas criatividadees.

Segundo Bacelar “Ler, é compreender e que compreender é sobretudo um processo de construção de significados sobre o texto que pretendemos compreender”. (2000, p.75). assim, entendemos que a leitura é considerada meio para a perfeita integração da criança no meio social. A criança no ato de aprender a ler, ao voltar-se para aquilo que está ao seu redor, manifesta o que está percebendo.

É pela percepção humana que as coisas são tematizadas e pelo entendimento que as coisas podem ter significado no mundo da criança. Essa união da percepção e do entendimento é que tornam possível o significar. Então, o ato de ler equivale a descobrir o significado das palavras do texto e pronunciá-las corretamente, identificando as idéias principais do texto. Vejamos o que pensa Bacelar (2000, p. 73)

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que se sinta capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes, que atuam como suporte e recursos.

O ensino da leitura sendo bem orientado, criará na criança atitudes favoráveis na vida em todos os aspectos, atitudes que o levam a enfrentar os problemas com maior possibilidade de sucesso, tornando-o mais livre, mais eficiente e feliz. Entendemos que leitura é um processo de construção da prática social e, portanto não deve ser dissociada do nosso cotidiano. Pensando assim, a leitura inicia-se no próprio contexto sócio-cultural onde vivemos, a partir de nossas idéias, de nossas histórias de vida e de nossos conhecimentos de mundo.

Conforme Breves Filho, , “O conhecimento de mundo se constitui por meio da leitura dos relacionamentos humanos e da experiência intuitiva que constituímos na vivência diária”. (2004. p. 15). O autor mostra, que pela leitura, põem-se em contato com o mundo criando e modificando atitudes. Acredita-se que a construção do conhecimento do leitor por meio da leitura acontece, sobretudo, no espírito de liberdade e do prazer. Temos por pressuposto que a meta maior da leitura é criar condições para tornar a criança um cidadão que pense e atue por si mesmo, que consiga ter a capacidade de pensar e examinar criticamente as idéias que lhe são apresentadas.

Segundo Bacelar (2000, p. 75/76), a leitura “É um processo que envolve ativamente o leitor, á medida que a compreensão que realiza não deriva da recitação do conteúdo em questão. Em síntese, a leitura é uma satisfação pessoal, por eficiência na comunicação, na integração e na busca de seus valores ideais, que mantém o equilíbrio sócio-emocional. Concordamos com Cagliari quando diz que [...] “ a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimento, de interiorização, de reflexão [...]”. (1995, p. 150). Dessa forma, a leitura permite o ser humano situar-se com os outros, nos diversos meios sociais, desenvolvendo reflexões críticas diante da realidade que o mesmo está inserido.

Segundo Freire, “A leitura de mundo precede sempre a leitura da palavra e esta implica na continuidade da leitura”. (1998, p. 11), Como percebemos, a leitura é a extensão das pessoas, ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos e fonéticos, afinal, ler é um processo de descoberta, como a busca do saber científico.

Cagliari (1994, p. 149) ressalta ainda que “A leitura é um ato lingüístico e está essencialmente a todo mecanismo de funcionamento da linguagem específica que está sendo lida”. Além de ter valor técnico, a leitura é uma fonte de prazer, de satisfação

pessoal, de conquista, de alfabetização, de realização que serve de grande estímulo para que a criança goste da escola e de estudar. Na escola a leitura serve não só para se aprender a ler códigos, mas também para despertar a criticidade e autonomia interpretativa do aluno.

Diante do que foi comentado, não podemos dizer que a criança chega na escola vazia ou sem nenhuma informação, ou afirmar que a escola seja o único sistema determinante para o início do aprendizado. Cabe aos professores valorizar o que a criança já trás e procurar trabalhar o seu desenvolvimento.

Na concepção de Teberosky (1998, p. 26),

O professor deve saber que tipo de informação é relevante para cada momento e qual tipo de informação que ajuda a criança a progredir, [...] seu papel deve ser fazer coincidir a informação que oferece com a necessidade da criança de tal maneira que resulte coerente a tarefa que se propõe.

O pouco hábito de leitura faz com que, cada vez mais crianças, adolescentes e jovens tenham sérios problemas na organização de pensamento e isso influi principalmente na escola, é nesse contexto que se faz necessário ter um trabalho com os professores, para reconhecer o processo de aprendizagem de leitura.

Na compreensão de Kleiman (1998, p. 31), “O conhecimento do aspecto psicológico, cognitivo da leitura, é importante porque ele pode nos alertar de maneira segura contar práticas pedagógicas que inibem o desenvolvimento de estratégias adequadas para processar e compreender o texto”. A autora considera que o professor tem dificuldades devido lacunas em sua própria formação, onde a maioria não tem o hábito de ler e outros não lêem porque simplesmente não gostam, e quando esses profissionais tem que trabalhar a leitura, termina deixando lacunas e dificultando o desejo e o prazer pela leitura.

Segundo Cardoso (1998, p. 63), “Quando o professor começa a entender o seu trabalho, capta também quais são as teorias implícitas e compreende como pensa, ou seja, configura-se um terreno propício para mudanças”. No processo de desenvolvimento da leitura, não deve existir receitas prontas para iniciar o gosto ou o prazer pela leitura, o professor deve trabalhar a leitura com prazer, promovendo leituras em voz alta, leitura que possibilite a sua compreensão junto à turma.

No entendimento de Foucambert (1994, p. 5), “[...] A escola precisa de reflexão muito mais fundamental, precisa entender o que é leitura [...], procurar nos professores e

nos pais uma tomada de consciência sobre o que é leitura a partir da sua própria prática”.

Portanto, a escola deve ser o espaço onde o aluno tenha acesso a diversos tipos de texto e para que isto realmente aconteça o professor precisa gostar de ler para assim poder incentivar seus alunos acerca da importância da leitura para a vida, onde eles irão se tornar leitores, conscientes, críticos e independentes no modo de pensar e agir. Nos baseamos em Martins (1991, p. 85), quando diz: “cada um precisa buscar o seu jeito de ler e aprimorá-lo cada vez mais gratificando”.

Tomando como referência os ensinamentos de Freire (1991, p. 8), podemos afirmar que “antes mesmo de aprendermos a ler palavras e frases, já estamos lendo bem ou mal o mundo que nos cerca, ou melhor, somos inseridos num processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler”. Fato este que ocorre bem antes de a criança ir para a escola.

O ato de ler envolve o ser em todos os sentidos, e de forma individual, embora integrada na convivência com outras pessoas e com o mundo. Neste sentido, “a leitura seria a fonte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral dos indivíduos” (MARTINS 1994, p. 25). Desta forma, quando a criança chega à escola apenas sintetiza seu aprendizado para a decodificação dos signos, o qual não será pelo adulto, porém pela própria criança.

A leitura é um processo que acontece de forma natural e única, por isso, cada um tem seu jeito de ler, pois assim a leitura será por prazer e de forma gratificante, onde será fruto de um processo extremamente enriquecedor.

A conceituação de leitura varia de concepção para concepção de autores. Cada autor tem um propósito a mais como concepção de leitura. A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas e a apreensão do conhecimento de mundo é uma forma também de leitura, que muitas vezes, é adquirida através dela.

Para Cagliari (1994), ler é a atividade fundamental para a escola, para o desenvolvimento do aluno e o que importa para a escola é a formação de leitores, porque o aluno que não for um bom leitor estará com o futuro comprometido. O autor deixa claro nas suas concepções a importância da leitura, possibilitando o desenvolvimento cultural e intelectual do indivíduo.

1.2 Níveis de leitura

Referente aos níveis de leitura, podemos refletir sobre o pensamento de Martins (1994), quando fala que existem três níveis de leitura, sendo que cada um destes níveis correspondendo a aproximação ao objeto lido.

A leitura sensorial, possibilita que o leitor reconheça o que ele gosta ou não, mesmo inocente, sem a necessidade de racionalizações, justificativas, porque impressiona a vista, o ouvido, o tato, o olfato e o paladar.

Ainda para a autora, a leitura emocional, também tem seu teor de inferioridade, pois lida com sentimentos, o que necessariamente implicaria falta de objetivismo.

A leitura racional enfatiza o intelectualismo, doutrina que afirma a preeminência sobre os sentimentos e a vontade. A leitura racional acrescenta á sensorial e a emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, atribuir significado ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universos das relações sociais, ou seja, alarga os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social. (CAGLIARE (1994).

Um aspecto muito difundido desta concepção é o fato de limitar a noção de leitura ao contexto escrito, pressupondo educação formal e certo grau de cultura ou mesmo erudição do leitor. Portanto, observamos que escrever e ler são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente. No entanto, o que se tem observado, é que a escola dá mais ênfase a escrita do que a leitura, isso porque a mesma sabe avaliar mais aos acertos e erros da escrita do que da leitura propriamente dita.

Cagliari (1994) afirma em linhas gerais que no mundo em que vivemos é muito mais importante saber ler do que escrever, principalmente para as pessoas que moram na cidade, pois tudo hoje é comunicado através de sinais, letras, painéis eletrônicos, etc. e ao iniciar a alfabetização, dando ênfase à leitura, a escola poderá diminuir a repetição e evasão.

Em o ato de ler os sentidos, as emoções e a razão, temos a abordagem das leituras sensorial, emocional e racional. Este primeiro nível de leitura nos acompanhou por toda a vida. Essa leitura caracterizada a descoberta do universo adulto no qual todos nós precisamos aprender a viver para sobreviver, porque é antes uma resposta imediata às exigências e ofertas que esse mundo apresenta.

Já na “Leitura emocional”, tudo se passa num processo de identificação; não temos controle racional sobre isso, pelo menos naquele momento. Este tipo de leitura lida com os sentimentos e o subjetivismo. No terreno das emoções as coisas ficam inteligíveis, escapam ao controle do leitor, que se vê envolvido por verdadeiras armadilhas traçadas no seu inconsciente. Enfim, reprimimos e desconsideramos a leitura emocional, muitas pessoas revelam que lêem fotonovelas, romances e revistas para se distrair. Isso significa serem leitores desatentos ou incapazes de pensar num texto.

Apenas sua tendência mais comum é deixarem se envolver emocionalmente pelo que lêem. Depende muito do referencial da leitura, da situação em que nos encontramos, das intenções com que nos aproximamos da leitura, do que ela desperta, de lembranças, desejos, alegrias e tristezas,

A respeito da “interação nos níveis de leitura”, a autora crê que mesmo sendo muito difícil realizarmos uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional pelo simples fato de ser próprio da condição humana inter-relacionar sensação, emoção e razão, tanto na tentativa de se expressar como na de buscar sentido, compreender a se próprio e o mundo, ele, involuntariamente todo esse conhecimento de mundo adquirido na vida influi durante o ato de leitura de um texto, influencia de uma época que ainda não sabíamos ler.

1.3 A importância da motivação do educador para a formação de alunos leitores

A leitura ganha significado no sentido do formar e informar, traçando idéias e experiências para o desenvolvimento equilibrado do ser humano, com o objetivo de compreender a leitura do seu mundo. O papel da escola é, portanto, permitir ao aluno tomar gosto pela leitura e formar seu senso crítico. Entretanto, constata-se que, atualmente, que os alunos aprendem a ler, mas não se transformam em leitores assíduos, não adquirem o gosto pela leitura, não fazem do ato de leitura um momento de prazer.

De acordo com Martins (2003, p. 34), “A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias[...]”. Através deste argumento, podemos pensar o seguinte: é necessário apenas deciframos palavras para que a leitura aconteça? É esta relação que deve ficar bem definida na mentalidade

do aluno, pois, tanto a leitura como a escrita devem ser entendidas e praticadas de uma forma que, o que se lê esteja associado a uma postura crítica por parte do leitor, ou seja, a mera decifração de códigos não é o bastante a realização de uma leitura interpretativa.

Segundo Bacelar (2000, p. 73)

Para que uma pessoa possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que se sinta capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes, que atuam como suporte e recursos.

Sabe-se que a cultura das classes populares é bastante limitada, boa parte das crianças não são motivadas no contexto familiar devido a grande escassez de recursos ou até mesmo falta de reconhecimento quanto á importância da leitura na vida das pessoas.

Este é, portanto, um grande desafio para os indivíduos pertencente a classes desfavorecidas, que não possuem condições favoráveis que possam contribuir para a aquisição de habilidades, quanto ao processo de leitura e escrita.

Quanto ao aspecto cultural, Freire (1996) afirma que a cultura é um instrumento que o povo usa para produzir e que a leitura está voltada para esta questão: “a produção cultural”. Diante disso, nos perguntamos, o que os professores tem feito para motivar seus alunos a serem autônomos e capazes de ler criticamente, já que, como afirma Freire (1996), o povo se utiliza de sua cultura para produzir sua história em todos os sentidos. Neste mesmo sentido, Bacelar (2000, p. 79), afirma que “a leitura nos aproxima da cultura, ou melhor, de múltiplas culturas e neste sentido, sempre é uma contribuição essencial para a cultura própria do leitor”.

Acreditamos que o processo de leitura na escola, deve ser melhor trabalhado, levando-se em conta as particularidades de cada processo, mas sem esquecer suas inter-relações. Temos por certo de que, na maioria das vezes, o educando só é estimulado a participar de uma atividade de leitura e escrita de forma mecânica, não sendo estimulado a praticar a habilidade de leitura e escrita espontânea e prazerosa.

A leitura enquanto prática social, nos permite reconhecer determinados fenômenos que fazem parte do nosso cotidiano, envolvendo idéias e acontecimentos que nos fazem interagir e “dialogar” com o mundo de forma mais significativa. A partir do momento

que refletimos sobre “as leituras de mundo”, compreendemos o grau de importância que as mesmas exercem sobre nossas vidas.

O processo da leitura deve ser desenvolvido através de práticas constantes e precisas em sala de aula. Sendo assim, o fracasso escolar no ensino da leitura pode ser diminuído em consequência da postura assumida pelo professor, enquanto incentivador da prática de leitura na sala de aula.

Segundo Freire (1996, p. 26),

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão (...), faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos. Pelo contrário, nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, em que o objeto ensinado é aprendido em sua razão de ser, e, portanto, aprendido pelo educando. (FREIRE, 1996, p. 26)

Percebe-se na maioria das vezes, que os docentes justificam esse fracasso a partir da falta de interesse dos alunos em aprender a ler e escrever. Muitas vezes o professor precisa ir além de suas práticas tradicionais, utilizando novos métodos para motivar a formação de alunos leitores, não apenas sabendo decifrar os signos lingüísticos, mas, sabendo entendê-los a partir da interpretação sobre o que se ler.

Através da leitura, as crianças vivenciam experiências, conhecem outras terras; outras pessoas; integram valores positivos; formam juízos e estruturam comportamentos e atitudes. Nesse sentido, a leitura não só estimula a curiosidade, como também, vai de encontro com os interesses próprios de cada idade e em cada nível escolar em que o aluno se encontra.

A motivação e mediação do professor faz toda a diferença, no sentido de se superar as dificuldades de leitura em sala de aula. Acreditamos que a motivação é a base para a conquista do sucesso escolar. O educador que incentiva seus alunos a lerem, mesmo não se tratando de leituras “formais” como ler jornais, revistas, documentários e etc, estará

contribuindo para a diminuição do elevado índice de alunos com problemas com a prática da leitura.

Ao refletirmos sobre isto, nos deparamos com a questão do fracasso escolar de alguns alunos. Um exemplo bastante conhecido no meio escolar, é a “incapacidade” de alguns alunos, no que diz respeito à aprendizagem da leitura, escrita, interpretação matemática e etc. As vezes, o problema não está exclusivamente no aluno, mais, na própria limitação metodológica do educador, que não procura utilizar novos métodos de ensino para que o aluno desenvolva certas habilidades como a leitura, que é essencial na vida das pessoas.

Para que o educador se conscientize da necessidade de se renovar suas práticas escolares, deve pensar necessariamente na possibilidade de renovação escolar através de um trabalho significativo quanto ao ensino da leitura e escrita nas suas práticas constantes. Para isso, é preciso pensar primeiramente como pode ser inserido esse mundo de leitura e escrita no cotidiano escolar, tentando inseri-lo também no cotidiano social do aluno, isto é, fora da escola, fazendo com que os mesmos possam levar a leitura e escrita para o meio familiar intervindo com as necessidades que muitas vezes são expostas na família sem saber como resolvê-las.

Sabendo disso, é preciso interagir diante do que esta sendo colocado para que futuramente, ao deparar com situações parecidas possa resolve-las. O professor deve criar oportunidades e possibilitar, não só a quantidade e sim a qualidade de aprender a criticar e lidar com os obstáculos dos alunos com relação à leitura e escrita, enquanto processo indispensáveis a vida social de cada um.

Nesse sentido, a leitura possui um caráter eminentemente reflexivo e dinâmico, isto é, o leitor sai de si em busca da realidade do texto lido. A leitura é, pois, a atividade que possibilita as trocas de experiências que assegura a constituição global do sujeito.

Ensinar a ler, não é tarefa desligada do ensino da linguagem, que desenvolve habilidades e hábitos de leitura, para ampliar os conhecimentos e o campo de experiências na construção do saber, pois a linguagem exterioriza os pensamentos e opiniões, adquirindo e transmitindo noções e informações. (ORLANDI, 1998)

O desenvolvimento mais o aprimoramento da linguagem, se dá no decorrer da vida, num processo contínuo. Observa-se, então, que a linguagem reflete uma forma de

perceber o real num dado tempo e espaço, aponta o modo pelo qual a criança apreende as circunstâncias em que vive, cumprindo uma dupla função: de um lado, permite a comunicação, organiza e medeia a conduta; de outro, expressa o pensamento e ressalta a importância reguladora dos fatores culturais existentes nas relações sociais. Bacelar (2000, p. 75) ressalta que:

Também convém levar em conta que a leitura de verdade, é aquela que realizamos, os leitores experientes e que nos motiva, é a leitura na qual nós mesmos mandamos: relendo, parando para saboreá-la ou para refletir sobre ela, pulando parágrafos ...uma leitura íntima, e por isso, individual.

A determinação de objetivos para a leitura possibilita a compreensão do texto, desde que o leitor defina ou saiba o porquê de suas leituras, tendo o controle e o regulamento do seu próprio conhecimento. Nesse contexto, a leitura enquanto prática social, confere uma vez que lhe permite manipular o próprio tempo, envolvendo-a em idéias e acontecimentos, e fazendo-a interagir com o mundo de forma mais significativa. A compreensão da leitura é possível a partir de uma reflexão sobre o seu desenvolvimento desde suas origens.

1.4 Desenvolvendo o hábito de leitura na escola

Escrever e ler são duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente. Ensina-se a ler e escrever para se chegar a textos. A leitura pode ser ouvida, (leitura que é lida em voz alta) vista (leitura feita através de imagens) ou falada (leitura que se faz através da fala de alguém)

O ensino da leitura está historicamente vinculado à escola. Para COELHO (2000, p. 27), a leitura, de uma forma geral, “Fundea os sonhos e ávida prática, o imaginário e o real, os ideais e a sua possível / impossível realização”... Neste sentido, O educador deve saber o quanto é importante sua prática e ação em sala de aula, sua mediação motivará ou não a criança à prática da leitura em suas mais diversas funções.

A criança no ambiente de educação infantil deve ter contato com uma diversidade de leitura e escrita para então se adaptar as variadas formas de leitura, tanto a escrita como a oral, que possam proporcionar habilidades e competências necessárias

à alfabetização. Esta se inicia com o processo de compreensão da forma como a escrita alfabética representa a linguagem. Precisa-se também deixar que a criança conte histórias trabalhando textos que tenham relação com a sua realidade, deixando para trás frases artificiais que para ela não têm sentido.

Se perguntarmos a qualquer educador – pai, professor, bibliotecário, supervisor de ensino etc. – sobre o que pretende quando leva o livro à criança, a resposta será sempre a mesma: queremos criar nos pequenos o hábito de ler. Em outras palavras, pretendemos que a criança e o jovem tenham, pela vida afora, a literatura como forma de enriquecimento.

Cabe ao professor iniciar a criança no mundo das letras, incentivando o gosto pelo livro, visando o desenvolvimento do hábito da leitura. É ele quem vai indicar os livros aos alunos, oferecendo-lhes um repertório de títulos, em que possa se movimentar, segundo suas preferências e interesses.

O primeiro passo para a formação do hábito da leitura na escola, diz respeito à seleção de material que deverá ser de informação e recreação. Na leitura informativa, o texto fornecerá dados específicos para um campo de estudo, ou informação, sobre fatos da atualidade. Este ensinamento então, terá um cunho pedagógico ou normativo. A leitura recreativa não visa à aquisição imediata de conhecimentos, porém ela é necessária pedagogicamente; seu exercício possibilitará uma forma habitual de lazer, ao mesmo tempo em que desenvolverá o espírito de análise e crítica da criança. A literatura passa, assim, a ser vista como expressão cultural, tendo, portanto um cunho formativo.

Nós, professores e pedagogos, precisamos estar seriamente cientes da importância da leitura e dos livros para a vida individual, social e cultural dos sujeitos. Devemos, portanto, desempenhar nossa função pedagógica, com a maior seriedade possível e ainda com caráter inovador.

A escola é, às vezes, a única oportunidade que as crianças têm de entrar em contato com a leitura. Como acadêmica observo que, se contarmos o número absoluto de crianças que lêem ou que tiveram acesso à leitura, vamos ver que um grande número teve acesso à leitura através da escola.

O professor é um dos maiores responsáveis por criar o hábito da leitura em seus alunos, mas primeiramente, o professor deverá ser um leitor, quero dizer um bom leitor. Através do incentivo e de seu exemplo, conduzirá o aluno com maior segurança ao hábito da leitura.

Se desejarmos desenvolver um hábito saudável de leitura, duradouro, faz-se

necessário ir além das necessidades e interesses das várias fases de desenvolvimento do educando e motivá-lo a ir ajustando suas leituras, à medida que as necessidades intelectuais as condições ambientais forem mudando, sem barrá-los nem impondo nossos gostos, mas principalmente oferecendo fruição no ato de ler.

Devemos proporcionar ao aluno, uma viagem pela imaginação, uma aventura sem fim, algo que faça nosso aluno ir além, refletindo, duvidando e esclarecendo essas dúvidas, tentando avançar no horizonte, viagens que talvez nem mesmo o escritor tenha imaginado. Isto é ler, viajar através da leitura, ser atuante na história. Só assim poderemos mostrar aos nossos alunos que eles são agentes, quer dizer, sujeitos ativos da história.

Caberá à escola, fornecer-lhe bons livros, jornais, revistas, vídeos, trabalhos, referências bibliográficas, abrindo o universo do conhecimento, para que o aluno possa usufruir desse acervo, beneficiando-se intelectualmente.

A leitura de uma forma geral utilizada na escola, por exemplo, tem a vantagem de permitir uma velocidade de leitura maior, podendo parar quando quiser e recuperar passagens lidas, na busca da compreensão do texto, buscar a entonação e o ritmo ideal para o texto a ser lido, posteriormente, de forma oral e favorecer a reflexão sobre o texto.

Quem lê para outros ouvirem ou diz de cor um texto escrito precisa de uma leitura expressiva, em que os elementos supra-segmentais e pragmáticos (fonética, ritmo, entonação, volume e qualidade da voz, contexto sociointeracionista, conhecimento prévio, de mundo, lingüístico, estrutural) sejam realizados interpretativamente e de forma a agradar os ouvintes.

Os alunos precisam e devem saber que um texto pode ser lido de diversas maneiras, com muitas pronúncias, e que o dialeto muda conforme a época, a função e o destinatário. Em outras palavras, a leitura varia de acordo com o texto. Não se lê uma poesia como se lê um problema de matemática ou uma piada.

A reflexão que o primeiro tipo de leitura exige é diferente da do segundo e do terceiro. Uma forma de aprofundar a leitura é solicitar que cada aluno expresse o seu entendimento, confronte leituras, produza resumos, paráfrases ou paródias dos textos lidos.

A escola não pode se contentar com uma leitura mecânica e desestimulante. A escola pode e precisa comprometer-se com muito mais do que isso. Ela pode e precisa comprometer-se

com uma leitura mais abrangente, crítica, inventiva. Só assim estará ensinando aos seus alunos a usar a leitura e os livros para viver melhor. (LAJOLO e ZILBERMAN, 2001, p. 65)

Considerando que o investimento na formação de leitores é uma tarefa urgente. A escola deve se constituir como lugar essencial para o desenvolvimento da habilidade de leitura. Para isso, é fundamental que os professores trabalhem no sentido de promover propostas educativas para a compreensão e importância da leitura espontânea das crianças para a aprendizagem.

3. FORMAÇÃO E ESTÁGIO

3.1 Procedimentos Metodológicos

A temática Leitura foi desenvolvida na escola Jaime Meira Fontes na cidade de Sousa PB, com os professores com o seguinte objetivo: analisar o processo de leitura nas séries iniciais do ensino Fundamental; identificar as dificuldades no processo de leitura e realizar estudos com os professores visando aprimorar a prática de leitura.

Para realizar o presente estudo, optamos por um estudo de caráter exploratório, que segundo Gonçalves (2001, p. 65), “A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento das idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”. Desta forma, isto irá facilitar a aproximação com o objetivo de conhecer melhor a temática.

Utilizou-se os métodos quantitativos e qualitativos. Tomando como base o pensamento de DESLANDES (1994), podemos dizer que o método quantitativo tem intenção de obter resultados com precisão a partir de modalidades e técnicas estatísticas. É aplicada em estudos descritivos, onde procuram descobrir relação entre variável e causalidade. Já o método qualitativo tem como objetivo descrever complexidade de determinado problema, não se restringindo a questões simbólicas e quantitativas, mas, procura saber a complexidade e subjetividade das questões envolvidas na pesquisa.

Com base nesta abordagem, utilizamos como instrumentos de coleta de dados o questionário que, segundo Pádua (1998) “[...] é o instrumento de pesquisa mais adequada a quantificação porque é fácil de codificar e tabular, proporcionando comparações com outros dados relacionados ao tema pesquisado”.

O questionário foi composto por questões abertas e fechadas, as questões abertas tem por objetivos aprofundar as opiniões dos entrevistados. As questões fechadas são consideradas fáceis de codificar, tais questões trata de (sexo, nível de escolaridade, estado civil, idade, entre outras). Neste sentido, compreendemos a partir das considerações do autor, que o questionário é uma forma mais adequada para se coletar dados num projeto de pesquisa, desta forma, afirmamos que esta técnica facilitou muito a realização do nosso trabalho na referida escola.

O desenvolvimento deste trabalho se deu através de um programa de estudo com os professores das séries iniciais do ensino fundamental, objetivando portanto uma melhor compreensão acerca de como é desenvolvido o trabalho, tendo como base, estudos de texto, discussões, debates e trocas de experiências.

3.2 Caracterização da escola de estágio

Com o intuito de explorar alguns fatores coincidentes com nossos objetivos de pesquisa, escolhemos a Escola estadual de Educação Infantil e Ensino Fundamental Jaime Meira Fontes para obtermos as devidas informações. A escola está localizada à Rua Tenente Zuca no bairro do Estreito, na cidade de Sousa – PB. A referida escola foi fundada no ano de 1991, pela professora Neudes Sarmento.

O quadro gestor é composto pela diretora Joana Isabel Neta da Silva, que desenvolve um trabalho em parceria com a comunidade, tendo como colaboradora, a vice-diretora Neusa Alves Alexandre e a participação do corpo docente, que por sua vez, é constituído por 10 (dez) professores os quais lecionam da pré-escola à quarta série. Destes, 8 (oito) com curso superior e 2 (dois) com curso pedagógico.

A escola possui 250 (duzentos e cinquenta) alunos matriculados nos dois turnos, 01 (um) vigia, 01 (uma) secretária e supervisora. Sua estrutura física é formada por 01 (uma) sala de diretoria, 01 (uma) secretaria, 3 (três) banheiros, 5 (cinco) salas de aula, 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) cantina e 01 (um) pátio, onde acontecem as aulas recreativas e reuniões.

A escola funciona a partir do lema: “Educação e democracia”, atuando com total empenho e dedicação. Além das turmas de Ensino Infantil e Fundamental, a escola trabalha com 2 (duas) turmas no “Projeto Aceleração”, com a participação e a colaboração de uma boa equipe de professores, supervisora e auxiliares. A escola conta ainda com o conselho escolar. Possui também vários alunos que fazem parte de projetos na FUNDAC (Fundação de Assistência a criança), cujos membros, estudam em um turno e trabalham em outro.

O objetivo principal da referida escola é preparar o educando para a realidade da vida, buscando e primando pelo renovação e qualificação da educação oferecida, evidenciando a articulação entre a aprendizagem escolar e valorização da cultura local, almejando sempre o conhecimento para todos os fins da vida humana.

A instituição adota um equilibrado relacionamento entre “Pais e Mestres”. Através de reuniões realizadas a cada bimestre, aproxima-se então, a família dos alunos à escola, por sentir que ambas necessitam manter essa parceria para buscar solucionar os problemas encontrados, para formação de cidadão ativos na sociedade.

3.3 Análise dos Dados

Os dados foram coletados junto aos professores das séries iniciais da Escola Municipal Jaime Meira Fontes com o objetivo de analisar o processo de leitura na escola.

No que se refere a idade dos professores, observa-se que 80% possuem entre 51 e 58 anos e 20% possuem entre 30 e 34 anos, e 100% dos mesmos são do sexo feminino. Quanto aos anos de experiências em sala de aula, há uma variação no sentido de que cada uma das professoras tem idades diferentes, umas com apenas 5 anos de magistério, outras com 20 anos de exercício na sala de aula, porém, percebemos que todas elas demonstravam grandes aptidões para o trabalho de lidar com crianças, observamos em todas esta habilidade.

Segundo afirmam, sentem a vocação para o ensino infantil, afirmam em linhas gerais que, mesmo com os pesares que a educação brasileira tem, sentem-se realizadas em ter uma profissão que é tão importante para o desenvolvimento intelectual do aluno enquanto ser social, que desenvolve na escola, habilidades diversas, inclusive a de socialização.

Quanto a formação, 80% das mesmas possuem nível superior e 20% nível pedagógico. Isto mostra que ainda existem profissionais da educação em exercício nas escolas que não tem ainda nenhuma formação superior, porém, algumas demonstraram interesse pelo ingresso no ensino superior.

Ao indagarmos sobre o gosto pela leitura, as mesmas afirmaram que gostam de tirar sempre um tempo para leituras, algumas ressaltaram que só assim poderiam se atualizar e proporcionar melhores condições de aprendizagem para os alunos. Outras disseram que lêem unicamente para facilitar o aceso ao mundo do trabalho, já que a sociedade exige cada vez mais profissionais letrados que saibam ler e interpretar com autonomia o que foi lido, vemos isto principalmente nos concursos públicos. Apenas 20% delas afirmam que lêem por prazer e lazer, na espera de que a leitura possa lhes oferecer novos horizontes.

Ao questionarmos se os alunos gostam de ler, 60% afirmaram que não e 40% que sim. Podemos observar isto nas falas a seguir:

“Não, mas, procuro incentivar dizendo que a leitura com a escrita só melhora lendo”
(professora A)

“Não. Hoje os alunos dão mais importância a jogos, brincadeiras” (Professora B)

“Não. Porque eles dizem que leitura dá sono (professora C)

“Sim, mas são muito tímidos”. (professora D)

“Sim, alguns eu noto que lê mesmo por prazer, outros gostam mais de ler textos que tenham muita gravura. (professora E).

Percebemos o quanto os professores reconhecem a necessidade de se investir melhor no processo de leitura em sala de aula. Segundo Cagliari (1994, p. 20), “Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, mas até fonéticos”. Esta realidade aponta elementos que explicam em parte a falta de estímulo à prática de leitura por parte de muitos alunos na escola. É necessário portanto haver uma motivação maior por parte dos educadores.

Acreditamos que a falta de espaços destinados especificamente ao desenvolvimento de práticas de leitura também seja um problema que contribui para que esta problemática seja cada vez mais evidente. O professor ainda se vê muito restrito ao utilizar apenas a sala de aula para desenvolver atividades lúdicas ou não com seus alunos. Nesta perspectiva, defendemos a idéia de que toda escola deveria ter um ambiente destinado á prática de leituras e atividades que desenvolvam a relação do aluno com a linguagem oral e escrita, essa talvez fosse uma maneira prática e simples de romper com a timidez dos educandos perante a leitura.

60% das professoras desenvolvem atividades com leitura mais de três vezes por semana, 40% desenvolvem três vezes por semana. Perante as respostas obtidas, acreditamos que, embora estas educadoras encontrem diversas dificuldades perante o desenvolvimento da habilidade de leitura dos seus alunos, procuram constantemente a superação de tais problemas e se utilizam dos meios possíveis para reverter o quadro.

Diante destes relatos, nos posicionamos como satisfeitas, uma vez que, como enfatiza Colomer e Teberosky (2003, p. 78)

O professor tem a responsabilidade de organizar atividades nas quais se desdobre um jogo de participação ativa, rica em relações sociais; atividades de leitura e de escrita compartilhadas, situações de discussões e argumentação[...], elementos essenciais para a construção do conhecimento.

Quanto ao tipo de leitura desenvolvida com os alunos – 60% optaram pela leitura oral, 40% pela leitura silenciosa. Para justificarem a escolha os educandos disseram o seguinte:

“A leitura é uma forma de todos participarem. (professora A);

“A leitura oral além de praticar a leitura, faz com que o aluno perca a timidez.; (professora B);

“A leitura oral é uma forma dos alunos entenderem o texto. (professora C).

Observa-se que a leitura oral foi a mais citada pelos educadores, pelo fato desta se apresentar como uma forma de romper a timidez e incentivar a participação coletiva da turma. Os que escolheram a leitura silenciosa defenderam a escolha pelo fato da mesma exigir uma maior concentração, o que facilita a compreensão do texto.

Segundo Cagliari, (1997, p. 156), “A leitura silenciosa é muito mais comum entre as pessoas. Sua importância para a vida da maioria delas é muito maior do que a dos outros tipos de leitura”. Desta forma, a leitura silenciosa se apresenta como a mais adequada para o processo ensino-aprendizagem dos alunos, uma vez que esta permite que o mesmo leia e releia várias vezes uma passagem que não tenha entendido.

Perguntamos de os professores desenvolvem alguma atividades de motivação antes de iniciar a aula de leitura, 100% deles afirmaram que sim, no entanto, cada um apresenta estratégias muito particulares. Vejamos:

“Procuro trabalhar a imaginação do aluno”. (professora A);

“Conto algo que aconteceu bem engraçado e conto piadas”. (professora B);

“Incentivando os alunos mostrando-o importância da leitura em nosso meio e em nossa vida”. (professora C).

O que podemos observar diante de tudo isto, é que cada educador se respalda em sua própria experiência adquirida através do tempo de atuação no magistério para melhor desempenhar o seu papel de educador e motivador em sala de aula.

Quando questionamos se enfrentavam dificuldades, 100% afirmaram que sim. Eles relataram experiências que mostram as dificuldades que passam no processo de ensino da leitura em sala de aula. O professor C, por exemplo, afirmou que existem alunos em sua turma que na hora da leitura querem brincar, desenhar e conversar com os colegas, lêem como obrigação, não tendo prazer pela leitura.

Assim, destacamos a necessidade do incentivo ao gosto pela leitura, encarando-a como uma fonte de prazer, de descobertas e não como algo forçado, seria interessante

ao nosso ver, se utilizassem a leitura nas séries iniciais de uma forma lúdica, que impulsionasse o gosto pela leitura.

3.4 Vivências e práticas de estágio

Os encontros de estágio foram realizados junto aos professores da E.M.E.J Jaime Meira. Apresentamos o projeto de estágio intitulado “Leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental”, em seguida trabalhamos a dinâmica “Rolo de barbante” com o objetivo de interagir com o grupo.

Prosseguindo as atividades, foi distribuído a cada participante o texto reflexivo: “O ato de estudar” de Pulo Freire, onde realizamos a leitura partilhada e um estudo reflexivo.

Em um outro momento fizemos a leitura e discussão do texto, “Concepções de leitura” na visão de vários autores: Cagliare, Foucombert, Paulo Freire, Martins e Breves Filho. Na medida que realizava-se a leitura, os professores se posicionavam com relação a cada concepção:

Na visão da professora A. “A leitura não é apenas codificar e sim entender e definir o que se ler”.

Segundo a professora B, “Leitura é uma atividade que enriquece e desenvolve o nosso raciocínio, através dela fazemos muitas descobertas”.

O pensamento da professora de encontro com Foucombert (1994, p. 5), “Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser questionadas na escrita, significa construir uma resposta que integra parte de novas afirmações ao que já se é”.

Percebemos que a leitura é fundamental no desenvolvimento pessoal do indivíduo. Na visão da professora D, “Leitura é uma oportunidade de você crescer como pessoa, de se envolver na solução de problemas, na busca de informações e mais conhecimentos”.

De acordo do Martins (1994, p. 27), “A leitura é um processo de formação global do indivíduo, a sua capacitação para o convívio e atuação social, político, econômico e cultural.

No segundo encontro realizamos o estudo do texto, “Níveis de leitura”, de Helena Martins e refletimos sobre a importância da leitura no cotidiano das crianças, os professores expressaram seus pensamentos:

A professora A afirmou que, “ De tudo que a escola pode oferecer de bom aos alunos é a leitura, sem dúvida, a melhor e grande herança da educação, mas sem material

adequado não é possível que o professor e nem tão pouco o aluno tenha um bom desempenho”.

A professora C ressalta: “Todas os dias devido a turma em grupo entrego para cada grupo um texto, quando os alunos lêem e ouvem o texto fazendo trocas sobre o que leram e o que compreenderam do texto”. Assim podemos observar que existe sim boas estratégias de ensino da leitura por parte de professoras da escola, seria interessante se os demais professores procurasse então, novos meios de incentivo para a prática da leitura e compreensão da mesma.

A professora E fala que “A leitura traz muito conhecimento, é um instrumento de libertação pessoal”. Desta forma, percebemos que os conceitos das professoras com relação a leitura são bastante enriquecidos, faz-se necessário portanto, que, na prática, esses conceitos sejam executados da melhor forma para a formação de sujeitos leitores e pensantes, no tocante a compreensão da leitura.

Prosseguindo os encontros, realizamos o estudo do texto, “O que é ler”, de Cagliari, com o objetivo de analisar a importância da leitura na escola. Com a opinião das professoras com a ajuda do texto e reflexões dos educadores, iniciamos a leitura coletiva, onde as educadoras expressavam seus pensamentos:

“O aluno bom leitor está preparado para sua formação, as altas notas em disciplinas curriculares são importantes, mas se o aluno não for leitor estará com o futuro comprometido. (professora C). assim, percebe-se através desta afirmação, que a professora defende a importância do ato de ler para a vida em sociedade.

Segundo a professora E, “A igualdade tem que vim em primeiro lugar, mesmo porque nossa escola é localizada na periferia, todos os alunos são especiais”. Percebemos que esta professora volta-se para a questão do tratamento igualitário com os alunos, onde todos têm necessidades de aprender novas culturas através da leitura na escola, já que seus ambientes de vida são precários e não estimula a prática de leitura.

No quarto encontro refletimos sobre texto, “O menininho” de autor desconhecido, com o objetivo de meditar sobre si mesmo e da maneira como direcionar as aulas. Depois trabalhamos “os tipos de leitura” de Cagliari, apresentando que a leitura pode ser vista, ouvida ou falada.

As professoras comentaram que os tipos de leituras freqüentes em sala de aula é a leitura vista e ouvida. As professoras A e B afirmaram que alguns alunos só querem ler em voz alta e atrapalham os que querem fazer leitura silenciosa, assim, elas sempre

planejam que tipo de leitura deve ser feito a cada dia desta prática de leitura em sala de aula.

Segundo a professora C, “A leitura silenciosa serve para que o tenha o primeiro contato com o texto e leia-o de sua maneira”. Sabe-se que a leitura silenciosa propicia uma maior aproximação entre leitor e autor, pois o leitor acaba se concentrando e refletindo sozinho sobre as idéias escritas pelo autor. Segundo Cagliari (1994, p. 156),

No entanto, não há dúvidas de que a leitura visual silenciosa é muito mais comum entre as pessoas. Sua importância para a vida da maioria delas é muito maior do que a dos outros tipos de leitura. A leitura visual tem grandes vantagens sobre os outros dois tipos de leitura. Não só inibe o leitor por questões lingüísticas, como permite ainda uma velocidade de leitura maior, podendo ele parar onde quiser e recuperar passagens já lidas. O que a leitura oral de um texto não costuma permitir.

Para a professora B “A leitura coletiva oral é a melhor forma de trabalhar o relacionamento e timidez, mas a maior parte dos alunos se negam em participar dessas leituras, pois acham que os outros irão mamar de sua leitura. O que esta professora falou, é uma pura verdade, podemos observar que muitos alunos sentem-se envergonhados em ler em voz alta, visto que se exigem muito o formalismo na decodificação dos símbolos que são as letras, isto faz com que os alunos se intimidem diante desta prática.

No quinto encontro realizamos a dinâmica do texto: “Como perceber a realidade?” de autor desconhecido, com o objetivo de analisar o desempenho dentro e fora de sala de aula. Em outro momento deste encontro foi distribuído o texto: “Como ler?” de Cagliari, na oportunidade realizamos a leitura oral partilhada, abrindo espaços para exclamações dos educandos.

A professora E diz: “Através da curiosidade do aluno, realizo aulas ótimas, mais nem sempre acontece”. A professora B diz que “Quando o aluno interrompe a aula e pergunta algo que não tem a ver com o assunto estudado no momento, mas que é de seu interesse pessoal, responder não custa nada, muitas vezes até enriquece a aula, pois a dúvida respondida ao aluno serve de aprendizagem para os demais.

Tais situações permitem que a postura do aluno em sala de aula é considerada, uma vez que sua participação torna-se real. O diálogo em sala de aula no processo de leitura é fundamental, pois permite a junção de experiências de leitura de cada aluno.

Já no sexto encontro trabalhamos o texto reflexivo: “O carpinteiro”, de autor desconhecido, com o objetivo de analisar a importância do outro em nossa vida. Num segundo momento, distribuimos aos professores o texto “A leitura e a escola” de Cagliari, com o intuito de analisar como as professoras trabalham as dificuldades encontradas com relação a leitura.

A professora E fala: “Não sinto neles o prazer da leitura no sentido de querer compreender o que está escrito”. Assim, a professora, como muito outros, percebem o desinteresse dos alunos pela leitura e compreensão do texto, ela destaca ainda que é por isto que se precisa investir muito em projetos de leitura, pois é algo de extrema importância para o desenvolvimento dos alunos em todos os sentido, pois é através da leitura que o aluno entra em contato com a cultura e conhecimentos diversos.

Durante os encontros, percebemos que existem grandes dificuldades em fazer com que a leitura se torne um instrumento útil para a inserção do aluno no mundo cultura. Segundo as professoras, a escola não dispõem de livros variados, são bem limitados os livros que existem e não tem um ambiente apropriado para a realização de leituras, porém, destacam que, na medida do possível, levam textos informativos e materiais como: gibis, historinhas infantis, contos etc.

No sétimo encontro, trabalhamos a dinâmica: “Garotinho chamado amor” com o objetivo de analisar as atividades trabalhadas na aprendizagem da leitura. Logo após, trabalhamos o texto: “Leitura e cultura” de Luiz Carlos Cagliari.

Segundo a professora C, “Para que os alunos gostem de ler, é preciso que o professor esteja sempre incentivando e trabalhar sempre as diversidades textuais”. Esta diversidade textual que se refere, é justamente a utilização de textos que estejam presentes no dia a dia dos alunos, segundo a professora, pode-se trabalhar leituras através de cartas, bilhetes, receitas, jornais, revistas etc.

A professora E conclui que “O aluno tem que saber ler, o professor tem que requerer e exigir muito do aluno para que se torne um bom leitor”. Neste sentido, observamos que esta professora defende que para que o aluno torne-se leitor, é necessário que o professor invista em atividades de leitura sempre e sempre impondo a leitura como uma forma obrigatória para a obtenção de notas. Esta idéia assemelha-se às formas tradicionais de ensino existente nos tempos anteriores, onde o ensino era transmitido de uma forma autoritária, sabe-se que ainda hoje estes conceitos e práticas estão presentes no dia a dia das escolas.

No oitavo encontro, trabalhamos o texto: “Testes de leitura” de Cagliari, com o objetivo de analisar a importância da leitura como um ato social na vida das pessoas. Neste sentido, a professora A afirma que, “Os alunos de hoje não são tão passivos como os de dez anos atrás, como também os professores não são rígidos e intransigentes como antes”.

Percebemos que os professores acreditam na importância da escrita, já que, segundo a professora E, “Quando escreve bem ou gosta de ler e de escrever, sua leitura é bem clara. Assim, o aspecto formal é evidenciado pela professora citada. Estas questões estão bastante presentes nas práticas de ensino da leitura destas professoras, como bem deixaram claro em seus relatos.

Dando continuidade aos encontros, realizamos o estudo do texto, “Olhe para mim professora” de Nakamira, com o objetivo de proporcionar informações sobre determinados fenômenos ocultos na escola.

Leu-se o texto e travou-se a discussão, ao término da leitura a professora D, emocionada explicou: “Em minha sala de aula havia um aluno que se comportava, não da mesma maneira do aluno do texto, mas de maneira contraditória, era rebelde e agressivo, mediante as circunstâncias, eu parei para conversar com ele e aos poucos fui conseguindo conviver melhor com o aluno, aprendi a reconhecer seus limites enquanto criança.

Acreditamos que este texto é uma grande lição de vida, para que os professores saibam lidar com os alunos em seus diferentes comportamentos, não tendo que excluir certos alunos por conta de seu jeito de se comportar em sala.

Se o aluno se comporta mal em sala de aula, possivelmente não vai querer ficar sentadinho lendo como um adulto, desta forma, compreendemos que as estratégias de ensino de leitura são fundamentais, como os exemplos citados anteriormente, referentes ao uso de leituras informais, indo além dos livros didáticos.

4. CONCLUSÕES

Durante os encontros realizados com os professores da E.M.E.J Jaime Meira, estudamos textos referentes a temática de leitura como também, leituras reflexivas que nos ajudasse a compreender melhor os elementos necessários às práticas dos educadores para a formação de alunos leitores.

Mediante as discussões, observamos a grande dificuldade de se trabalhar o processo de leitura em sala de aula, visto que, como podemos comprovar, a escola não dispõem de biblioteca, nem de uma sala especial para a prática de leitura.

Segundo as professoras, trabalha-se sempre na perspectiva da superação das dificuldades de leitura dos alunos, afirmando que falta também o incentivo dos pais, já que estes alunos pertencem a um meio social desfavorecido em todos os sentidos, principalmente com relação à leitura.

Os professores envolvidos da pesquisa, nos ajudaram na realização deste trabalho, uma vez que refletiram juntamente conosco a respeito de suas práticas e também das dificuldades referentes à prática de leitura em sala de aula.

Os autores trabalhados durante o estágio serviram-nos de embasamento teórico para a melhor compreensão do fenômeno educativo nos tempos atuais sobre o ensino e prática de leitura na contemporaneidade.

A trajetória que acabamos de percorrer na realização deste trabalho, levou-nos a muitas questões e reflexões e possibilidades de reunir conhecimento, análises e opiniões sobre leitura e ação supervisora, isto por que refletimos sobre a aprendizagem das crianças, os procedimentos dos professores diante das dificuldades encontradas ao longo de sua jornada profissional.

As contribuições deixadas pelo estágio foram bastante significativas, visto que, através dos questionários aplicados, percebemos os dilemas enfrentados pelos docentes com relação ao ensino da leitura, bem como seus esforços, na busca de melhorias para o desenvolvimento educacional dos alunos. Diante de tudo, acreditamos que podemos juntar nossos esforços e, a cada dia, inovar nossas práticas de leitura em sala de aula, pois, consideramos que existem várias formas de se trabalhar a leitura na escola, entretanto, é cabível a nós educadores, a inovação constante dos nossos atos de ensino e prática de leitura na sala de aula.

REFERÊNCIAS

BACELAR, Lucidalva e Cunha, M^a Josenilda (org). **Metodologia do ensino de português**. UVA. Fortaleza – CE, 2000

BREVES FILHO, José. **Uma Leitura da Literatura Infantil na Escola**. Fortaleza. Breves palavras, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. 8^a ec. São Paulo, Editora Scipione, 1995

CARDOSO, Beatriz. **A formação dos professores** In: TEBEROSKY, Ana e CARDOSO, Beatriz (orgs). Reflexão sobre o ensino da leitura e da escrita: 9^a ed. Vozes, Petrópolis, 1998.

FERREIRO, Emília. **O ato de ler e evoluir**. In: Nova Escola, Jun/Jul de 2001. ano XVI nº 143 p. 13-16

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questões** trad. Bruno Charles Magne, Porto Alegre, Artes médicas, 1994

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** São Paulo, Paz e Terra, 1996.

LAJOLO, M e ZILBERMAN, R. **Literatura infantil: História e histórias**. São Paulo: Ática 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros passos – 74), 2003

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista** , Porto Alegre: Art- Méd, 2003.